

# 1 Introdução

**O teatro da vida.** Todos, ao menos todos aqui, já ouvimos a expressão. O teatro da vida. Não só ouvimos; apontamos palcos e personagens, demonstramos conhecimento quanto às técnicas de iluminação. Demonstramos sobretudo não sermos ingênuos, sabemos o que está acontecendo. Sabemos perfeitamente qual papel protagonizamos agora enquanto seguimos estas linhas. Apesar disso. De tamanha consciência. Apesar de assistirmos a nós mesmos interpretando, ironicamente, algo se convulsiona. Talvez não de imediato. Talvez necessário que os olhos digiram a mensagem do relógio, e constatemos que os minutos, aqueles que nos serviriam para uma série de deslocamentos, não existem mais. Não estamos dando conta; o pensamento desabafa desafiando a contenção. Aqueles minutos se extinguiram e, entre outras razões, pelo fato de que isto não apresenta objetivamente o tema, um embuste com pretensões de; sabe-se lá o que isto pretende. O resultado, entretanto, é claro: não chega. Não alcança o propósito, seja lá que propósito, porque não alcança nenhum; sofre problemas de comunicação. Não precisamos ir adiante para concluir não tem validade; já conhecemos o adiante e *suas* variações, sabemos sim o que está acontecendo, entretanto ironicamente algo se convulsiona, nos foge ao controle; procuremos entre os remédios, qual se adéqua à situação, não sabemos se relaxante muscular ou analgésico, tampouco temos tempo de ir ao médico, e os médicos afinal proferem sempre as mesmas ladainhas, não temos tempo nessa época do ano, sobretudo hoje ainda precisaremos nos defrontar com aquele calhamaço de papéis a respeito dos quais emitiremos opinião, *nossa* opinião, que não se limita ao gosto, do contrário não seríamos pagos para isso. Calma. Por que não uma cervejinha? Com uma cervejinha, isso se torna quem sabe tolerável. Não. Evitemos beber durante o trabalho, que tal então um chá, camomila se recomenda para hiperatividade e estresse. Afinal por que tão estressados? Por que tão estressados se senhores de tamanha consciência, por que a pressa em terminar isto, em içar a bandeira do entendi-vou-pular-de-página, se justo essa ansiedade nos acena com a hipótese de que não entendemos o quanto gostaríamos.

Elejamos como exemplo intelectuais que conversam ao redor de uma mesa. Suponhamos três. No máximo quatro. Não muita gente ou dificultará acompanharmos a simultaneidade de vozes e gestos. Filósofos? Observemos aqueles filósofos pesquisadores na área de Ética, observemos expõem brilhantemente ideias, *suas* ideias,

contribuindo para a fé em trocas autênticas e maduras. Adiantemos para o plot point. O encanto se quebra quando de repente algo — não captamos direito, apesar de restringirmos o número de participantes e examinarmos atentamente, mesmo assim não conseguimos captar: algo transfigura um dos quatro. Há de se considerar a multiplicidade dos arranjos de posturas defensivas. Não nos limitemos às fisionomias de fuzileiros alertas em trincheiras; minúcias modelam a projeção da voz e o cruzar das pernas. Um espetáculo difícil para leigos. Então como poderíamos saber? Não nos cabe rebobinar a sequência ao momento do cataclismo. Calma. Tratando-se de um exemplo, hipoteticamente somos sensíveis para notar que naquela roda de conversa algo ocorre, e este algo participa da dinâmica de interação entre os três ou quatro, e a dinâmica de interação entre os três ou quatro consiste em uma conversa na qual cada um defende uma ideia. Naquela roda de conversa algo ocorre algo que fere. Não nos prendamos aos detalhes, como o de buscar qual algo fere. Não nos outorguemos título de juiz para condenar ou absolver Fulano (entendamos por Fulano aquele que, entre um dos três ou quatro, feriu-se); pouco importa se culpado ou não. Fundamental é enxergarmos a conversa mudou de tom. Ativemos máxima sensibilidade para compreender: a conversa mudou de tom, a troca madura e autêntica se transformou em intercâmbio de farpas. Ativemos máxima sensibilidade porque nenhum dos participantes se fere abertamente. Nenhum dos participantes dá vazão ao instinto grosseiro de estapear o interlocutor ou lhe xingar a mãe ou ainda citar aquele fato, carta na manga, em que Sicrano (outro dos três ou quatro) não foi ético. O prazer da contenda reside no refinamento; na capacidade de desmoronar com a ideia que o outro defende. Um soco qualquer sujeito capaz de dar, não reflete um dom. Agora, gerir a retórica com excelência elastizá-la de modo que sem nenhum palavrão atinja o calcanhar de Aquiles; ah. Não bastam virilidade, imprecações, sensatez, jactância; não bastam quinhões que enfileiraríamos aqui. Eles sabem disso. Quando se enxerta uma ideia no corpo, basta que a invalidem para que o sofrimento lateje como se um órgão vital fora atingido. Portanto, esses intelectuais filósofos pesquisadores na área de Ética que tomamos como exemplo procuram alimentar todo dia o saber dentro de si – certamente não são ingênuos quanto ao teatro da vida –, cuidando de amparar *suas* ideias com todos os tipos de estratégias de guerra. Sabem que, tal como no futebol, um dia o time vence, noutro perde. Sabem que o contrato de paz selado com o aperto de mão antes da partida se esquece minutos depois em nome de credo maior. Não o jogo, não o espírito esportivo. Que se o caráter lúdico do combate

fosse tão memorável assim, não assistiríamos a pancadarias recorrentes entre atletas. E então aqueles três ou quatro da mesa, após a partida, retornam às *suas* casas dominados pela querela. Dominados pela memória o plexo destrutivo entendamos destrutivo o que nos leva ao estou precisando de um remédio ao estou precisando de uma cervejinha. Não se trata apenas de raiva nem angústia, usemos igualmente máxima sensibilidade para entender o que abrange a destruição. Trata-se daquilo que revolve o estômago, e nos impede a produtividade. Trata-se do fato de só percebermos que temos estômago se ele nos impede a produtividade. E então aqueles três ou quatro da mesa retornam às *suas* casas, Fulano pensa no absurdo de Sicrano ter afirmado xis na frente de Beltrano, e que afirmar xis denigriu *seu* trabalho *sua* carreira *sua* pessoa. *Seus* pronomes possessivos. Sicrano, evidente, pensa o mesmo ao inverso. Beltrano, que desta vez não participou ativamente do combate, regozija-se com a ideia de que hoje em dia consegue manter *seu* nome alheio a esse tipo de intriga.

Reconheçamos nesse exemplo duas questões. A primeira é que o domínio no campo do saber intelectual, meramente intelectual, não nos impede a ignorância quanto aos fenômenos da mente. Que adianta o diploma de doutor a estrela de xerife da Ética se da ignorância da mente germinam todas as poluições emocionais, perceptivas, todas as ações que, por mais discretas por mínimas que criamos, cumpliciam a disseminação de sofrimento? A segunda: o que a noção de *eu* motiva? Em nosso meio, problematizamos constantemente ego e identidade, apesar disso, nenhum alumbramento desperta a ponto de nos desencantarmos do feitiço. No máximo administramos o centro do ego entre as bordas superego-id, cuidando da integridade de um personagem central. Até porque sem ele que graça teria a vida? Tédio puro. Assim, como um personagem que se preze, nos enredamos a uma história de vida e a ideias; cultivamos traumas do passado e ambições do futuro; alimentamos o desejo por retilhar pegadas e edificarmos velhos postos (família, amor, amigos) ocupados por pessoas dignas de *nosso* amor, pessoas que – quando desaparecerem (por um ou outro motivo) – abrirão um buraco no qual cairemos e fraturaremos as pernas; até que, imbuídos pela determinação de dar a volta por cima, nos reergamos nos reapoderemos da nobre função sintática de núcleo do sujeito; e novamente guarnecidos de energia para recomençar o ciclo de emoções-opiniões, convencidos de *sua* intrinsecabilidade convencidos de que constituinte de nós mesmos, nos empenharemos por defendê-lo; e reformar *nosso* corpo que, percebemos ontem através do rosto de *nostros* filhos ou dos filhos de *nostros* amigos, envelheceu e,

finalmente quando não houver mais nenhuma morte em vida contra a qual lutar, finalmente quando jazendo no leito de morte com a oportunidade de entender que nada daquilo nos pertencia e determinava quem éramos – visto que não éramos ninguém e a vida nos obrigou ao desligamento de *nosso* por *nosso* –, finalmente, em vez de entendermos, tentaremos nos apegar à respiração; última posse ao alcance.

Um *eu* tem posses, sejam quais forem. Ideias, emoções, matérias. Um *eu* vive sob ameaça de dissolução, já que precisa conservar propriedades, do contrário, que lhe resta? O medo da perda nasce da confusão de que se o *eu* se perder tudo se perde. Assim, o desespero de se apegar às coisas, e resistir ao vazio. Para aceitarmos o vazio, precisaríamos abdicar das orações com sujeito; isto é, não seríamos nós aceitando o vazio, não seria sequer o vazio, seria simplesmente o seria. Por isso, quando aquilo que acreditamos sustenta *nosso* eu é atingido ou extinto, o desassossego vem da impressão da ruína. Retomemos as primeiras linhas, aquelas em que afirmamos já saber o que está acontecendo aqui. O que está acontecendo, por mais que (muito em breve) relativizemos os papéis e consideremos o propósito da generosidade de se compartilhar o saber, é um *Eu* que defende uma dissertação empenhado por obter um título de mestre que permitiria a ele posteriormente se empenhar por um título de doutor que permitiria a ele posteriormente se empenhar por um título de pós-doutor que permitiria a ele posteriormente se empenhar por um título de professor acadêmico como outro *Eu* que lê esta dissertação já na posição de mestre de doutor de pós-doutor de professor acadêmico com autoridade para determinar se *Eu* terá chance de sobreviver no mesmo espaço que *Eu*. Ora, você deveria ter pensado nisso antes de entrar para o mestrado. Ora, essa estrutura não se limita ao meio acadêmico. Certamente *eu* deveria ter pensado nisso (e quem garante que não pensei), certamente a estrutura não se limita ao meio acadêmico. O que desde o início tento dizer é que o saber intelectual vale muito pouco, ou nada?, se não nos esforçarmos por outro tipo de conhecimento. E se o propósito desta dissertação é, conforme me asseguraram, a generosidade de compartilhar o que aprendi, tenho de começar compartilhando o fato de que nenhum texto que li através da Academia até hoje me tornou menos ansiosa menos preocupada menos suscetível. Se o propósito desta dissertação é de fato usar o saber para algo que transcenda a cena, começar desmascarando a falácia deste *eu*, compartilhando o fato de que todas as *suas* propriedades sempre obscureceram a existência preciosa que há por trás dele.

**A peça em cartaz.** Dos parágrafos acima talvez colhamos a hipótese de que assistiremos em cena a uma apologia antiacadêmica. Tal como um sujeito que gasta os dias reclamando nasci na época errada, em cartaz a velha montagem da aluna que, dentro da Academia, transforma em combustível a indignação com as inumeráveis dissonâncias entre o que os professores pregam e o que põem em prática sob o mesmo pretexto do funcionário contra quem um dia nos revoltamos ao ouvir *estou apenas cumprindo ordens*. Dos parágrafos acima, talvez aguardemos o conto da aluna que assume como narrador um *eu* teimoso (e destemido) com armas de nocaute potentes ou inconsistentes, e que retorna para casa com a impressão de papel cumprido. Um *eu* identificado com a revolta ocupa seu quinhão no trabalho. Porém, afastemos o quanto antes o risco de *jogar tudo no mesmo saco* – uso o “nós” porque, numa dissertação que enfoca temas delicados como a ilusão do ego (Anatta), e atua com base na experiência direta, podemos todos perder as rédeas do esforço pela visão reta (Sammaditthi). Se inegável que não houve esmero pela tentativa de um encaixe acadêmico – houve esmero e tentativa; não por predeterminação de encaixe –, e que desde o pontapé do texto ocorrem críticas à Academia; se inegável que a contextualização da cena dos primeiros parágrafos num ambiente de defesa de mestrado na área de humanas – filosofia e ética – alude ao ato que em breve protagonizaremos, não concluíamos daí embate específico com a Academia. Ao afirmar que este texto confia, e se compromete, com a experiência direta, em primeiro lugar explico o porquê de não situar a peça em estúdio de modelos fotográficos, areias dos surfistas nem fábrica de operários. A inserção do teatro aqui e agora não ocorre a despeito de eu circular neste meio, e sim porque circulo neste meio. Circulo há tempo suficiente para percorrer o *é assim* – noutras palavras: o condicionamento – na esteira acadêmica. Atenção. O foco contudo não está na Academia, nesta defesa, nem na personagem Diana, mas no *é assim*.

Não escolhi o budismo como base de conhecimento por ignorar ou renegar o trabalho de teóricos ocidentais. Escolhi porque, depois de muito tempo perambulando com a visão nublada pelo ceticismo/pragmatismo de um mundo pós- , encontrei óculos que me ajudaram a enxergar melhor. (O que não significa enxergar plenamente, que isso depende de longa diligência.) Existe um diretor que concatenou o arranque destas linhas, mesmo que a partir de então se abram novas leituras (imprevisíveis autorias), e ele conclui relevante indicar que a peça em cartaz narra justo o motivo pelo qual o budismo se transformou no suporte de um processo criativo. Transformação esta que,

em termos da *historinha* da personagem, só ocorre em *Homem. Isso é tema?*, com o entendimento de que os dois estados mentais anteriores atuavam como graves obstruções no viver. Chegamos ao *viver*. Se escolhi o budismo como base de conhecimento, é que o tema desta dissertação – ou de um papo na praia ou de um e-mail na madrugada ou de um romance ou de uma peça de teatro –, sempre girou em torno do *viver*. E *viver*, descobrimos descobriremos, comporta um ciclo de mortes e renascimentos que transcende inclusive nossa forma atual (Rupa) – esta corresponde apenas a um dos Cinco Agregados (Khandhas) que alimentam a miragem de um *ego*. O ciclo se denomina Samsara, e gera sofrimento quando há ignorância (Avijja): da interdependência entre os fenômenos mentais e físicos (Nama-Rupa); da causalidade entre cada ação intencional que cometemos e seus resultados (Kamma); das Três características da existência que regem todos os fenômenos (Anicca, Anatta e Dukkha). Os óculos me serviram por me soar bastante plausível que o *a vida é assim* exista em função do descaso que mantemos a respeito do desenvolvimento mental (Bhavana). Desenvolvimento que em nada solicita a aquisição de mais e mais informações, e sim persistência por desobstruir a vista; a meditação corresponde ao empenho pelo descondicionamento, e ocupa um espaço primordial no conhecimento budista. O saber deve ser experimentado na prática; há engajamento por natureza, visto que o apego a rituais e preceitos consta como um dos principais grilhões (Samyojana) que nos acorrenta ao Samsara. Ou seja: pregar uma ideia em determinados locais e ocasiões e, posteriormente, ignorar o que se pregou denota um “falso insight”. Uma farsa. E, já que cruzamos com a palavra *ideia*, vale esclarecer a ênfase dada a ela nos primeiros parágrafos: as ideias constam como uma das quatro espécies de apego (Upadana), inúmeros sutras as relacionam ao impedimento de uma visão reta. Muito fácil seria abordar, num espaço acadêmico, o quanto os modelos se identificam com o corpo na constituição do próprio *ego*. Mas, no budismo, tanto a forma quanto as ideias são armadilhas que estimulam o arenoso castelo ilusório da personalidade (Sakkaya-ditthi).

A peça em cartaz aqui e agora deve ser encarada como continuidade da persistência pelo descondicionamento – que não distingue aqui é meditação aqui é arte aqui é mestrado aqui é encontro pessoal. Não há hierarquia quando se tenta viver com plena atenção (Sati). O potencial de criação está diretamente conectado ao potencial de descondicionamento. Narrar, portanto, o processo conforme a travessia da mente. Escolher demonstrar a causalidade dos fenômenos mentais sobre os materiais. Na

espinha constitutiva do romance – de qualquer texto; de qualquer linguagem – enxergar os nexos de *uma* vida. Não embruteçam com a interpretação de uma literatura biográfica. O homem, este mais um fenômeno transportando através dos estados mentais registros que se inscrevem em outros estados mentais, escreve uma literatura inevitavelmente biográfica. Biografia não como ratificação de personagem. História de vida não como pedagogia. Literatura sempre biográfica na medida em que materializa um trânsito de consciências. Nesse sentido, falar não é menos biográfico. Entretanto falar com atenção — e atenção como prática de depuração do pré-concebido — exige habilidade muito maior devido à compressão do tempo. Falar se aproxima ao instantâneo, e o instantâneo dessa mente turva por meio da qual tentamos eclipsar os próprios detritos é os detritos. O que está na ponta da língua já-foi. O que sublinhamos com a firmeza da dicção trabalhada: mundos preconcebidos, códigos cicatrizados. Desacostumar-se a falar ou: transportar a fala para guinadas musicais: ou residir declaradamente na teatralidade: ou ainda (ou no mínimo?) perseverante convicção no abraço.

Ciente de que a explicação não tapaná o Dukkha do texto, adianto aproximadamente o que vocês encontrarão em *Por uma literatura da plena atenção*. Entender o *por* como espécie de manifesto e escolha: seguiremos *por* esse caminho. Na trilogia (É preciso ser homem; Não é preciso ser homem; Homem. Isso é tema?), cada trecho conserva como eixo narrativo a paráfrase do estado mental de um personagem, respectivamente: o homem do subterrâneo (do romance *Notas do subterrâneo*, de Fiodor Dostoiévski); o homem que dorme (do romance *Um homem que dorme*, de Georges Perec) e um homem (inspirado nos poemas de Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa). Ratificando o desígnio: parafrasear a paisagem mental; não o romance não a biografia dos autores. Apesar de o percurso se associar a uma *historinha* da personagem Diana, no final da dissertação sublinho que a leitura de Caeiro na verdade antecedeu à de Dostoiévski; no entanto, devido ao pó nos olhos, não se viabilizou ler o que se lia. (Logo, a correlação não presta contas à linearidade de uma cronologia.) Essa paráfrase se vale da estratégia de inclusão da personagem Diana na realidade do personagem fictício ou da inclusão do real-personagem na ficção-Diana (ou ainda: do emparelhamento de ambas as ficções) através de recursos como: *conheci um homem que*. Como se às vezes Diana absorvida

num Jhana, estado meditativo em que objeto e sujeito se fundem. De modo que as vozes desses homens deverão em alguns casos se acercar tanto da voz da narradora, que seja difícil distinguir exatamente quem fala – poucas são as citações; quando ocorrem, a nota de rodapé corresponde sempre ao fragmento em destaque. Em outra camada, tento produzir um panorama literário da Origem Dependente (Paticca-Samuppada) e alguns de seus germes nas etapas da vida: escolha de um nome, nascimento, escola, namoro etc. Os traços desenhados nas páginas equivalem a cada uma das Três Características – encontram-se e se desunem, indicando que, apesar da individualidade, desembocam num só caminho. A ligação de palavras compõe pequenas unidades de texto que se espraíam nos mapas de citações. Como anexo, no final apresento a montagem deste processo de montagem, incluindo (in)satisfações sobre o que seria *Uma literatura da plena atenção*, elucubrações sobre a estrutura do romance e conversas de leitores com a trilogia.

Certa vez ouvi de um professor de Estética do Teatro que a arte não transformava ninguém. Ora. Tudo o que ingerimos resulta de (reverbera em) escolhas e ações. Prova disso é enxergarmos na arte refúgio de um *modus vivendi* e encontrarmos maciçamente nas obras a reprodução deste mesmo *modus vivendi*. Existe uma responsabilidade aqui. No momento em que se entende a interdependência dos fenômenos, não é possível simplesmente redigir dissertação de mestrado nem romance desconsiderando o impacto mental (ambiental) do que se escolheu converter em linguagem. Um efeito dominó se desdobra de cada peteleco que um ser supõe gesto que lhe diz apenas respeito. Interconectados, somos responsáveis pelo mundo sobre o qual lamentamos feito espectadores, como se nada houvesse a fazer. Há sim muito a fazer. Generosidade (Dana) é das principais virtudes do budismo e, se há ironia quando tratei do assunto nos primeiros parágrafos, deve-se ao fato de que inexistente genuína generosidade sem consciência de integrarmos aqui agora todos um só corpo. Existe responsabilidade sim muito a fazer. Não confundir escrever uma dissertação palatável apenas para subir um degrau na escada do *eu* – o *meu* futuro profissional! –, investir em um filme acessível apenas para atingir um grande público – a *minha* arte! – com generosidade. Não confundir generosidade com administração do reconhecimento. Incompletude inconsistência não ego vazio fragmentação transitoriedade instabilidade geram: frustração insatisfação ansiedade impaciência insegurança preocupação. Existe o sofrimento. Contudo não existe apenas o sofrimento, e a saída não está em evitar/

ocultar as Três Características. Se nos obstinarmos por enxergá-las continuamente, com o tempo abriremos espaço para um fluir tranquilo junto a elas (Upekkha); o que antes parecia obscuro será inundado por luminosidade. A suposta generosidade na ratificação do reconhecimento atende às ambições de um *ego* ávido por elogios; a generosidade cúmplice do *é assim* também patrocina o mundo sobre o qual lamentamos como se espectadores de mãos atadas. O *assim* nos agrada com muitos prazeres no plano dos desejos, no entanto não nos liberta verdadeiramente da dor. Você não está sentindo nenhuma? Então repare no órgão ao lado. Somos grandes o bastante para saber o que significa metástase. *Isto aqui é muito sério dá até medo de falar!* Perfeitamente: isto aqui é muito sério. A ironia quando tratei do tema Ética nos parágrafos iniciais se deve à mesma razão de ironizar a Generosidade, mas não podemos ser éticos apenas em determinados lugares. Isto é tão sério que nos impele ao brincar à teatralidade ao rir à música fora do confinamento *recreio*. De uma responsabilidade que nos impulsiona a criar nas atividades mais cotidianas e formais, desde um e-mail ao coordenador da pós-graduação até uma dissertação de mestrado. Não precisamos temer, mas perseverar na consciência de que cada um dos *nossos* petelecos *petelecam* o mundo. *Ai, mas quanto custa?* Não se age em troca de recompensa nem com um *objetivo* – ou a ação estará conectada à ilusão do ego (aonde *eu* quero chegar!); de novo de novo a crença de que eu e você não nos situamos no mesmo corpo que tudo abrange e, em consequência, a guerra por conquistar um território do corpo-universo que já integro. Tudo o que ingerimos resulta de (reverbera em) escolhas e ações: não escrever dissertação nem romance com o desejo de se livrar ou se tornar; tais pensamentos levam à falta de presença e sem presença o zelo se extraviou. Tentando tentando tentando não nutrir o tomara que acabe logo ou que bom está acabando. *Ai, mas então quanto vale?* Não custa nem vale. Nada além da continuidade do esforço.